



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 015

O ALIADO REBELDE DO INDUSTRIALISMO

Franz Josef Brüzeke

Belém, Dezembro de 1993

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Marcos Ximenes Ponte

Vice-reitor

Zélia Amador de Deus

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Francisco de Assis Costa

Diretor Adjunto

Tereza Ximenes Ponte

Conselho editorial do NAEA

Edna Ramos de Castro

Francisco de Assis Costa

Indio Campos

Marília Emmi

Setor de Editoração

E-mail: editora_anae@ufpa.br

Papers do NAEA: Papers_anae@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 015

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

O ALIADO REBELDE DO INDUSTRIALISMO

Franz Josef Brüzeke

Resumo:

O presente artigo discute a ligação, de um lado, entre o movimento social do operariado e a formação de teorias com ele associado, e, de outro lado, o surgimento e desdobramento da produção industrial. Em alguns países da Europa dos anos quarenta e do século dezenove, o chão da industrialização já estava preparado, mas um prognóstico do futuro desenvolvimento sócio-econômico, também em traços gerais, exigiu capacidade analítica e atenção pela dinâmica histórica. A teoria de Marx obteve exatamente esta história de efeito (*Wirkungsgeschichte*). Uma história de efeito que não se baseou exclusivamente na força de convicção de uma argumentação, muitas vezes complicada e difícil para entender, mas que tinha também como causa fatores mais profundos e extra-teóricos.

Palavras-chave: Industrialização. Operariado. Teorias sobre o proletariado.

Introdução

A ligação, de um lado, entre o movimento social do operariado e a formação de teorias com ele associado, e, de outro lado o surgimento e desdobramento da produção industrial, parece indiscutível. Em alguns países da Europa dos anos quarenta do século dezanove o chão da industrialização já estava preparado, mas um prognóstico do futuro desenvolvimento sócio-econômico, também em traços gerais, exigiu bastante capacidade analítica e atenção pela dinâmica histórica.

O que destacou o jovem Marx¹ foi a sua sensibilidade para o desenvolvimento *real* e o seu ceticismo em relação com idéias distante dessa realidade. Imaginemos uma teoria sócio-econômica desenvolvida no ano de 1993 que esteja sendo discutido ainda no ano de 2133. Imaginemos também que Estados do tamanho dos Estados Unidos ou da Índia referem-se a essa teoria durante décadas como doutrina oficial do estado. A teoria de Marx obteve exatamente essa história de efeito (*Wirkungsgeschichte*). Uma história de efeito que não se baseou exclusivamente na força de convicção de uma argumentação, muitas vezes complicada e difícil para entender, mas que tinha também como causa fatores mais profundos e extra-teóricos. O que foi então a causa do sucesso histórico da teoria marxiana? Acreditamos que ela existiu na descoberta do mecanismo da racionalização parcial², que começou a agir com força junto com o surgimento da industrialização e suas conseqüências profundas. Partindo daí Marx conseguiu de fato entender a direção geral do desenvolvimento das jovens sociedades industriais (Inglaterra, França, Alemanha) e acompanhou-as teoricamente durante a sua primeira fase de desdobramento.

Além disso, formaram-se durante a revolução industrial e ainda mais na fase da consolidação das sociedades industriais, novos interesses sociais que as idéias da burguesia pós-revolucionária, que já assumiu posições conservadoras, não mais expressavam. A ação econômica e a ideologia do empresariado burguês excluíram as massas do operariado. Frustraram-se também minorias burguesas e da pequena burguesia - que na base da sua tradição de formação sentiram-se ligadas as idéias e ideais do iluminismo. Também membros de círculos sociais de alto nível e com motivações religiosas distanciaram-se ideologicamente do próprio *milieu* social para ajudar na solução da *questão social*, colocada pelo processo de industrialização. Qual era a essência dela?

¹ O *fim do Socialismo*, que deixou a maior parte da esquerda atônita, inviabilizou durante os últimos anos qualquer debate racional sobre o movimento social dos operários e o próprio Marx. Ou a negação total da dimensão histórica dos acontecimentos na antiga União Soviética ou reação de vingança intelectual pelos sofrimentos do passado. Parece que aos poucos a situação já admite a retomada do discurso racional. Até o Papa declarou recentemente frente a imprensa italiana (*La Stampa*), que a idéia do comunismo, contém alguns aspectos positivos e 'sementes de verdade' (Folha de São Paulo, 3.11.93, p. 2-10).

Não somente Marx, mas também uma geração inteira de intelectuais críticos fez a observação que uma das pré-condições da introdução do sistema fabril é a liberação da mão-de-obra dos laços tradicionais e, através do mercado, colocá-la a disposição dos senhores das fábricas. Pois, esta liberação não aconteceu em consequência da livre e espontânea vontade dos liberados como a dissolução das estruturas sociais tradicionais não era um processo fácil.³ Parece oportuno reescrever a história da liberdade. Esta, embutida no grito dos revolucionários franceses 'liberdade, igualdade, fraternidade', teve até hoje uma conotação exclusivamente positiva. Não podemos, espontaneamente, imaginar que liberação e liberdade carregem uma mensagem negativa. As filosofias individualistas, lideradas pelo existencialismo, aumentavam ainda mais o significado da liberdade como algo positivo. Na filosofia de Jean-Paul Sartre ela ganha uma posição central, porque "...o homem esta condenado a ser livre"⁴. Sartre possui sensibilidade para focalizar as tragédias individuais que a liberdade, mal usada, pode causar. Assim ele deixa o Mathieu, figura central no romance *L'âge de raison*, que defende com unhas e dentes a sua liberdade individual, resumir uma seqüência de decisões 'erradas': "Sozinho, mas não mais livre do que antes."⁵ A liberdade é, na visão de Sartre, a grande chance, de fazer a própria vida; de transcender-se mesmo e a situação na direção de uma projeção preestabelecida pelo indivíduo. "O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo".⁶ Sartre preocupa-se com a liberdade somente na sua perspectiva futura. A causa da liberdade não o interessa, ela tem qualidade apriorística. "...A existência precede a essência"..."⁷ E a liberdade é uma das características da existência. Achamos essas explicações insuficientes. Elas criam um bloqueio de raciocínio, onde a aventura intelectual somente começa. A pergunta: o que gera a liberdade? Exige resposta. Mas voltemos, por enquanto, para a história social do operariado e a sua ligação com o industrialismo.

Os que migraram para os subúrbios tristes de Birmingham e Manchester eram, na sua grande massa, desclassificados oriundos do setor agrário: pequenos proprietários e arrendatários, lavradores sem emprego etc. A indústria de tecidos inglesa, que produziu à base de lã seus tecidos demandados no mundo inteiro, incentivou os *landlords* criar grandes rebanhos de carneiros, fato que aumentou sensivelmente a demanda por pastagem. Terras de lavradia foram transformadas em pastos e os pequenos proprietários endividados, porque haviam vendidos suas terras, viram-se pressionados a

² Sobre o conceito da racionalização parcial, que usamos na tradição de Weber e Habermas, veja Paper N° 11 do NAEA/UFPa.

³ Veja Polanyi, Karl (1980) *A Grande Transformação: As Origens da nossa Época*. (Trad.: Fanny Wrobel) Rio de Janeiro: Editora Campos

⁴ Sartre, Jean-Paul (1978) *O Existencialismo é um Humanismo*. In: *Os Pensadores: Sartre*. P.9 / Traduzido de Sartre, Jean-Paul (1970) *L'Existencialisme est un Humanisme*. Les Éditions Nagel, Paris.

⁵ No original Sartre escreve: "Mathieu vit disparaître Daniel e pensa: >Je reste seul.< Seul, mais pas plus libre qu'auparavant." (Jean-Paul Sartre (1945) *L'Age de Raison*. Paris: Gallimard, p.440

⁶ Sartre, Jean-Paul (1978) op. cit., p.6

procurar trabalho nos centros urbanos, isto tudo em uma fase de crescimento rápido. Além disso, já tinha começado na Inglaterra no fim do século XV um processo de ampliação dos estabelecimentos agrícolas, baseado nos cercamentos (*enclosures*) e no melhoramento dos métodos de produção (uso geral do arado de ferro, melhoramento do afolhamento, passagem para a estabulação). Isto liquidou empreendimentos que não se adequaram a pressão da concorrência, e forçou os antigos camponeses a migrarem para as cidades.

A classe do proletariado formou-se. O *desenraizamento* de uma parte da população, *conditio sine qua non* para funcionar a Grande Máquina⁸ do industrialismo, foi demonstrado de forma exemplar na Inglaterra. Logo em seguida também em outros países o industrialismo fortaleceu as suas próprias estruturas impulsionando simultaneamente processos de desestruturação. Esses se expressaram de forma variada na miséria social da força de trabalho *livre*.⁹

A modernização industrial brutal tinha produzido uma realidade que exigiu uma nova interpretação. Existiu nos meados do último século uma demanda de explicação que facilitou o sucesso de teorias sociais, quando estas mostraram uma certa plausibilidade. Nesta época teorias tradicionais não expressaram mais os interesses sociais dos grupos e indivíduos desapropriados de suas tradições. Também as igrejas cristãs satisfizeram somente de forma incompleta o interesse de conhecimento do crescente operariado industrial, que queria saber o porquê de sua situação insuportável e procurava caminhos para mudá-la.¹⁰ A posição das primeiras associações do operariado era pouco revolucionária. O manifesto comunista de 1848 e a *Rheinische Zeitung*, editado por Marx, somente eram conhecidos por pequenos círculos. A influência das idéias socialmente revolucionárias limitou-se durante muito tempo a pequenos grupos intelectuais e pequenos burgueses simpatizantes pouco estimados pelos comunistas. Depois do movimento de oposição fracassado em 1848 a oposição social alemã perdeu temporariamente fôlego. Mas entre 1863 e 1875 amadureceu teoricamente e politicamente o partido do operariado alemão passou a dispor de um programa coerente - embora criticado pelos radicais - e uma força organizativa cada vez mais eficiente.¹¹

⁷ Sartre, Jean-Paul (1978) op. cit., p.5

⁸ Mumford, Lewis. *Myth of the Machine* (1966) 2 Vols.; s.l.

⁹ A bibliografia da história social do industrialismo é imensa. Veja como ponto de referência - e com ricas indicações bibliográficas: Eric J. Hobsbawm (1982) *A Era das Revoluções. Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra * Uma impressão da vida, do trabalho e da luta dos mineiros franceses no século XIX da o romance do Emile Zola (1885), *Germinal*.

¹⁰ Sobre os interesses que norream o processo do conhecimento veja Jürgen Habermas (1969) *Erkenntnis und Interesse*. In: J.Habermas, *Technik und Wissenschaft als 'Ideologie'*. Frankfurt, 1969: Suhrkamp, pp. 146-168.* port: Jürgen Habermas. *Conhecimento e Interesse*

¹¹ Numerosos documentos apresenta: Dieter Fricke (1976) *Die deutsche Arbeiterbewegung 1869-1914*. Westberlin: DEB

A social-democracia, inclusive os sindicatos influenciados por ela, referiu-se a um *milieu* social caracterizado pelas turbulências caóticas da revolução industrial. Arno Klönne descreve isto assim: "O proletariado industrial que se formou em torno de 1860/70 na Alemanha era tudo, mas não homogêneo. Nele, origens sociais, tradições e perspectivas de vida diferentes e parcialmente contrárias encontraram-se e chocaram-se. Aí se encontraram filhos 'supérfluos' de camponeses; muitos deles tentaram sem sucesso arrumar um emprego no ofício agrícola e foram depois desalojados nas cidades e na indústria. Aí se encontraram antigos bóias-frias ou trabalhadores rurais, com pais que ainda viveram a servidão. Também mestres de artesanato arruinados e oficiais com qualificação específica. E também os descendentes das antigas camadas baixas urbanas ou trabalhadores de indústrias caseiras e trabalhadores de manufaturas. Uma parte do proletariado industrial viveu ainda segundo os padrões tradicionais, muitas vezes de origem agrária; uma outra parte foi livre de qualquer laço tradicional. Para certas camadas do operariado o trabalho industrial significou quase uma ascensão social; para outras o trabalho assalariado na fábrica significou a perda de um status anteriormente mais alto. Alguns perceberam a vida como trabalhador como libertação da angústia do passado; outros esperavam a volta para a segurança pré-industrial do artesão."¹²

O movimento organizado do operariado estava com uma crescente importância, por causa do aumento contínuo do proletariado industrial, confrontado com os resultados da dissolução da socialização não-industrial. Este fato apresentou-se primeiramente como um escândalo social: jornadas de trabalho de doze horas e mais, trabalho de crianças, em geral condições de trabalho infernais, trabalho noturno de mulheres e crianças, além de condições de moradia, hoje comum nos bairros urbanos que conhecemos como *slums* ou favelas. A crítica dessas condições sociais não teve problemas para achar argumentos: a imperfeição social da sociedade industrial em desenvolvimento era simplesmente o óbvio. Pobreza e degradação social no campo e na cidade acompanharam também as sociedades feudais na Europa, mas os problemas sociais e suas causas eram, nas sociedades pré-industriais integrados numa rede de ação social tradicional¹³, que causou a impressão da sua irreversibilidade e que provocou somente em situações excepcionais levantamentos sociais, e muito menos a formação de uma oposição social sistemática e organizada.

No século XIX a questão social colocou-se de forma completamente diferente. Diretamente deixaram-se identificar as inovações técnicas e organizacionais como causa da situação deprimente da classe operária. Já o socialismo incipiente¹⁴ ou pré-marxiano construiu a base de uma crítica social

¹² Arno Klönne (1980). Die deutsche Arbeiterbewegung: Geschichte, Ziele, Wirkungen. Düsseldorf, Köln: Diederichs * (port.: Arno Klönne; O movimento do operariado alemão: história, objetivos, resultados)

¹³ Sobre o conceito da ação social veja Max Weber (1991) Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Vol 1; Brasília: Editora Universidade de Brasília; pp. 15-23

¹⁴ Os representantes mais importantes do movimento social iniciando são: a.) na Inglaterra: Thomas Spence, James O'Brien, W. Ogilvie, A.R. Wallace, J. St. Mill, H. George (USA); Robert Owen, Will. Godwin e

fundamental da sociedade industrial, mas somente Karl Marx sistematizou esta crítica e elaborou uma teoria coerente¹⁵ - que ampliada e simplificada de outras ideias contemporâneas - virou o ponto de referência da oposição social da época. Isso não quer afirmar a existência de uma hegemonia marxista no movimento do operariado; mas sem dúvida existiu a partir das duas últimas décadas do século XIX um eixo argumentativo, inseparavelmente ligado com o nome de Marx.

Marx tinha desenvolvido, passando pela crítica da ideologia da sociedade contemporânea, uma teoria da economia entendendo essa como base da sociedade burguesa. Deixando-nos essencialmente uma teoria da produção industrial. A produção industrial como processo de trabalho, como organização específica de transformação da matéria, somente interessou Marx na medida em que ela estava ligada com o processo de valorização. Marx mostra n` *O Capital* como a melhoria tecnológica e a racionalização crescente da organização do processo de trabalho levavam ao aumento da produção da mais-valia, ao aumento da chamada mais-valia relativa. O desenvolvimento extraordinário das forças produtivas encontrou desta maneira a sua explicação plausível. As forças produtivas mesmas não significaram um problema teórico para Marx.

Na sua visão garantiu o desdobramento delas a emancipação da sociedade das restrições do feudalismo. O desenvolvimento das forças produtivas virou o motor da história e garantiu, num futuro logicamente difusível, o surgimento de uma sociedade livre dos entraves capitalistas: a passagem do reino da necessidade para o reino da liberdade. As imaginações de Marx de uma sociedade futura, curiosamente em nenhum lugar realmente formuladas e fugindo assim da falsificabilidade, eram inseparavelmente ligadas com o desdobramento da força produtiva do trabalho. A produção industrial mesma, entendida como forma de organização de produção mais avançada, não sofre na economia política de Marx maiores críticas. No *Capital* está esquecida a crítica à alienação dos anos quarenta, que ainda queria a abolição do trabalho como tal. Embora adeptos da teoria da alienação de Marx tenham escrito livros inteiros sobre um capítulo curto no primeiro volume do *Capital* - trata-se do *Der Fetischcharakter der Ware und sein Geheimnis* - e apesar da tentativa de mostrar uma continuidade da teoria de alienação marxiana até na sua economia política - a crítica de Marx ao fetiche da mercadoria fica bastante modesta se interpretamos-a no contexto da crítica da economia política.¹⁶ Marx era essencialmente um crítico da valorização capitalista da organização industrial do

diversos representantes do chartismo; b.) na França: Claude-Henri de Saint-Simon, Charles Fourier, Pierre-Joseph Proudhon, Louis Blanc, Gracchus Babeuf, Etienne Cabet, Aug. Blanqui; c.) na Alemanha: Ferdinand Lassalle, Wilhelm Weitling, Max Stirner; d.) na Rússia: Michail A. Bakunin, Petr A. Kropotkin; e outros. Veja também: Eric J. Hobsbawm (1983) Marx, Engels e o Socialismo Pré-Marxiano. In: E.J. Hobsbawm (1983) História do Marxismo, Vol. 10: Marxismo no tempo de Marx, p.33-66. Documentos originais contem o livro: Hillmann, Günter (Coord.) Die Frühsozialisten 1789-1848; Reinbek: Rowohlt

¹⁵ A coerência de uma teoria não garante automaticamente a ausência de outros tipos de falhas.

¹⁶ O fato que uma análise que parte da teoria do fetiche de mercadoria pode levar para resultados interessantes não deve ser negado; um exemplo entre muitos outros é: W.F. Haug (1970) Warenästhetik, Sexualität und

trabalho. Ele queria mostrar a forma defeituosa da produção industrial que leva para crises contínuas da reprodução social. Ainda mais do que o primeiro, apontam o segundo e terceiro volume do capital - editados *post mortem* - na direção da crítica do processo da produção capitalista como *processo de valorização*.

O descuido teórico com a produção capitalista como *processo de trabalho* faz a economia marxiana cega para duas questões centrais: a.) as estruturas de poder baseadas na forma específica das forças produtivas no industrialismo¹⁷ e b.) a questão da destruição da natureza. Agora seria inadequada a esperança de encontrar em Marx o que nele não existe, ou esperar dele a solução de todas as perguntas levantadas pela racionalização industrial altamente complexa. Mas por causa da tentativa de construir das publicações de Marx um *marxismo* que serviu também como legitimação de política aparecem necessariamente as lacunas acima mencionadas tanto na história teórico como na história real. A cegueira pelas estruturas de poder altamente centralizadas no industrialismo e a destruição da natureza provocada pelo desenvolvimento desenfreado das forças produtivas foram, e são ainda, características que carregam os movimentos sociais, apoiando-se em Marx, pela história. Sensível foram os movimentos socialistas do século XIX e XX para outros fenômenos: para as crises repetitivas da economia industrial, no que tange a mão de obra de forma direta, e para os direitos que as organizações do proletariado industrial necessitou para fazer, publicamente, frente contra os efeitos danosos provocados pela industrialização capitalista.

Essa crítica da sociedade capitalista formulada pela social-democracia européia se vestiu de um radicalismo verbal, mas não escondeu ao longo dos tempos a sua concordância principal com a sociedade industrial como tal. Ela critica, como Marx, a produção capitalista como processo de valorização, mostrando como esta levou para o achatamento dos salários e as frequentes demissões em massas, esclareceu os assalariados sobre o conexo entre a situação individual precária e o sistema sócio-econômico em vigor, organizou com atividades sindicalistas a resistência dos operários a nível das empresas e tentou ampliar a influência dos partidos dos operários no sistema político.

Sem que isso fosse a sua intenção, desenvolveu-se o movimento dos operários para o aliado rebelde do sistema industrial. Ele contribuiu para a ampliação da inteligência sistêmica do industrialismo forçando-o a admitir uma posição melhor da mão-de-obra no processo de produção. Posição que ele conseguiu manter nos estados territoriais economicamente mais fortes até hoje. O desejo dos primeiros operários de proveniência do campo de *voltar tão rápido como possível para a casa*, transformou-se no orgulho social-democrático de *ser um operário*. Embora o radicalismo

Herrschaft - Gesammelte Aufsätze. Frankfurt am Main: Fischer, p. 11-30; veja também Robert Kurz (1991) Der Kollaps der Modernisierung; Frankfurt: Eichborn Verlag (port: Robert Kurz (1992) O colapso da modernização)

verbal, principalmente da social-democracia alemã que foi durante muitas décadas a mais forte e respeitada, fez os *burgueses* tremer e contribuiu para que eles não saíssem do lado dos *junker* e dos militares prussianos, ele foi ao mesmo tempo uma enganação do adversário político como uma auto-enganação sobre a própria periculosidade. August Bebel, retoricamente excelente e presidente da social-democracia alemã durante muitos anos falou mais de uma vez de um futuro *Kladderadatsch*, o que deveria significar na linguagem da teoria do caos tanto como colapso inevitável do sistema capitalista. Isso e a fala da *grande hora que se aproxima*, provocou, inclusive nas próprias fileiras do partido, ataques de medo da revolução. Na chegada da grande hora, isto é no dia 4 de Agosto de 1914, somente um deputado federal da social-democracia votou contra os chamados créditos de guerra.¹⁸

O movimento organizado dos operários garantiu que o operariado entrasse de forma ordenada no serviço de guerra, e isso em todos os países envolvidos. Assim ele evitou o caos dentro das fronteiras do estado territorial, mas aumentou-o, no nível europeu.¹⁹ Deste golpe, o movimento dos operários - como nos sabemos hoje - nunca mais se recuperou. Na Alemanha os restos dele foram massacrados nos anos a partir de 1933. Na França, Itália e Espanha houve ainda um florescimento tardio euro-comunista,²⁰ mas finalmente quebraram as visões anti-capitalistas e revolucionárias com a *queda do muro*. O golpe de estado dos bolchevistas em 1917 na Rússia e a guerra civil longa na China, até 1949, dificilmente podem ser entendidas como elementos integrantes do movimento dos operários na Europa. Principalmente na Rússia e seus territórios ocupados a orientação industrialista do >marxismo< chegou ao seu auge. O culto das forças produtivas²¹ levou ao sacrifício de vastas partes

¹⁷ Veja Lewis Mumford (1966) *Myth of the Machine*; Vol 1: *Technics and Human Development*, Vol 2: *The Pentagon of Power*; s.l.

¹⁸ Trata-se de Karl Liebknecht, assassinado em janeiro 1918 de militares alemães. A argumentação socialdemocrática em favor dos créditos de guerra esta publicada em: *Verhandlungen des Reichstags*. XIII. Legislaturperiode, II. Session, Vol. 306, *Stenographische Berichte*, Berlin 1916, pp. 8;

¹⁹ Sobre a socialdemocracia alemã na véspera da segunda guerra mundial: Dieter Groh (1973) *Negative Integration und revolutionärer Attentismus*. Frankfurt, Berlin, Wien: Ullstein * Muitas fontes originais sobre a mesma fase apresenta: G. Radczun, G. Adler (1967) *Dokumente und Materialien zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, Vol IV. 1898 - 1914; Berlin: Dietz Verlag

²⁰ Sobre o euro-comunismo na Italia, França e Espanha veja: Timmermann, Heinz (1978) *Eurokommunismus*. Frankfurt: Fischer * Do membro do partido comunista francês: Jean Elleinstein (1977) *Le PC*. Paris: Editions Grasset et Fasquelle * Do membro do PCI sobre seu partido: Giorgio Napolitano (1976) *La politique du parti communiste italien*. Paris: Editions Sociales * Sobre o partido comunista espanhola e alguns dos temas centrais do debate sobre as condições específicas do socialismo europeu ocidental: Santiago Carrillo (1977) *Eurokommunismus und Staat*. Hamburg: VSA * Todas essas contribuições aparecem hoje, somente quinze anos depois, como documentos de uma discussão fantasma. O que foi iniciado como o primeiro capítulo da realização de um comunismo ocidental, i.e. uma sociedade igualtária na base das tradições republicanas da Europa, transformou-se na verdade no desfecho inesperado da história dos partidos comunistas da Europa ocidental. Az vezes o primeiro capítulo já é o último.

²¹ Otto Ullrich (1980) *Weltniveau - In der Sackgasse des Industriesystems*. Berlin: Rotbuch. O autor defende com razão a ampliação da crítica das relações de produção pela crítica das forças produtivas. Ele critica o culto das forças produtivas que também em Marx tem um dos seus protagonistas. Marx escreve: "O desenvolvimento das forças produtivas do trabalho societário é a tarefa histórica e a justificativa do capital.

do setor agrário, mas não foi alcançado o que os partidos e sindicatos dos operários ocidentais conseguiram: a participação do operariado industrial nos frutos materiais da produção industrial.

Asseguramos por enquanto: o socialismo é de fato um movimento que visa uma sociedade industrial ordenada. Elementos centrais desta ordem industrial desejada são a redução do perigo de crises econômicas como a participação material e política dos assalariados. Neste sentido podemos dizer que o socialismo teve um certo sucesso em alguns países da Europa ocidental, mas fracassou por completo nos territórios da antiga União Soviética.

O pacto histórico do movimento socialista com o industrialismo baseou-se na aceitação do desenvolvimento industrial desenfreado pela oposição social. Ainda mais: ele disciplinou elementos rebeldes nas próprias fileiras e apoiava o processo educativo do operariado conforme as exigências de uma sociedade orientada pela ascense intramundana e o trabalho profissional ininterrupto. Nos países da África e Ásia onde uma oposição anti-capitalista conseguiu o poder a falta da tradição do estado racional e o redirecionamento sem limites de recursos do setor agrário para o setor industrial arruinou a economia camponesa. O desenvolvimento insuficiente de uma teoria e prática de participação política dentro do 'marxismo' não tinha nada para se opor contra o surgimento de ditaduras do desenvolvimento.

Assim ele produz inconscientemente as condições materiais de uma forma de produção superior." (Marx, Karl; in: MEW 25, p.269; trad. do autor)